

# **MULHERES HAITIANAS NO ESPAÇO PÚBLICO DE 1930 A 1950: O OLHAR SOBRE AS PRIMEIRAS AÇÕES FEMINISTAS DA LIGA FEMININA DA AÇÃO SOCIAL**

**HAITIAN WOMEN IN THE PUBLIC SPACE FROM 1930 TO 1950: THE  
LOOK ON THE FIRST FEMINIST ACTIONS OF THE FEMININE LEAGUE OF SOCIAL ACTION**

*André Yves Pierre*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL.

## **Resumo**

A partir de início do século XX, as mulheres haitianas ganham o protagonismo no espaço público na luta pelo reconhecimento dos seus direitos. Essa luta foi difícil, no entanto, o núcleo de mulheres da classe alta e intelectual desenvolveu um vasto movimento. A organização chamada Liga Feminina de Ação Social (LFAS) torna-se o farol dessa luta para mudar as imagens estereotipadas sobre a mulher e pensar refundar a base sócio-legal que as impediu até então de serem protagonistas no espaço público tal como os homens. Do ponto de vista metodológico e analítico, o presente artigo utilizou a revista LFAS e a memória de Madeleine Sylvain-Bouchereau, fundadora dessa organização.

**Palavras-Chave:**Feminismo. Mulher haitiana. Espaço Público. Élite.

## **Resumen**

A partir de inicios del siglo XX, las mujeres haitianas conquistan un protagonismo en el espacio público en la lucha por el reconocimiento de sus derechos. Esa lucha fue difícil, entretanto, el núcleo de mujeres de la clase alta e intelectual desarrolló un amplio movimiento. La organización Liga Femenina de Acción Social (LFAS) se convierte en el farol de esa lucha para mudar las imágenes estereotipadas sobre la mujer y refundar la base sócio-legal que las impidio hasta entonces de ser protagonistas en el espacio público tal como los hombres. Desde el punto de vista metodológico y analítico, el presente artículo utilizó la revista LFAS y la memoria de Madeleine Sylvain-Bouchereau, fundadora de esta organización.

**Palabras-Clave:** Feminismo. Mujer haitiana. Espacio Público. Élite.

### **Abstract**

In the beginning of the twentieth century in Haiti, women won the leading role in the public space in the struggle for emancipation of their rights. This fight was difficult, however, the core of upper-class and intellectual women developed a huge movement. The organization called the Women's League of Social Action (LFAS) becomes the leader of this struggle to change the scenario of what is thought of stereotypical women and to refund the socio-legal basis that prevents women from being protagonists in the public space such as men. In a methodological and analytical point of view, this article used the journal of LFAS and the memory of Madeleine Sylvain-Bouchereau, founder of this organization.

**Key words:** Feminism. Haitian Woman. Public Space. Élite.

### **Introdução**

No fim da década de 1920 e no início da seguinte se dá a primeira aparição de mulheres no espaço público, visando atender às demandas políticas. A participação de mulheres da classe alta e intelectuais da época (LUCIEN,2007,p.56), nesse contexto histórico, não foi endereçado à reivindicação de seus direitos, mas às conquistas políticas pela liberação nacional. Elas estavam se manifestando ao lado dos homens contra a ocupação militar dos Estados Unidos da América. Entre elas destacaram-se: Clara Perez, esposa de Jean Price Mars, Regina Carié, companheira de Perceval Thoby, Léonie Coicou, esposa de Justin Madiou e a editora Julie Guérin do jornal *Pequeno Imparcial*. A cidade de Port-au-Prince, capital do Haiti, foi, então o centro de mobilização de mulheres.

A história que discute essa temática mostra que não podemos falar da participação das mulheres sem observar o contexto político e social da época, caracterizada pela ocupação do Haiti pelas tropas dos Estados Unidos. Este fato propiciou que elas tivessem como tarefa fundamental a luta pela recuperação da soberania nacional. A participação política da mulher foi, principalmente, vinculada à dos homens, em muitos casos atuaram sob a direção das figuras masculinas mais importantes no período. A União Patriótica, uma associação fundada por Georges Sylvain, no mês de Agosto de 1915, tornou-se o corpo que integrou as mulheres no cenário político. A Sra. Sylvain-Bouchereau, uma ativista relata:

Desde a abertura da União Patriótica, organizada por Georges Sylvain para combater a ocupação do Haiti (28 de julho de 1915) pelas forças militares dos Estados Unidos da América, as mulheres haitianas participaram da luta nacional buscando as casas, os mercados e locais públicos para arrecadar fundos para apoio de campanha e enviar delegados para os Estados Unidos da América para defender a causa haitiana<sup>1</sup>

1 As traduções têm sido feitas pelo autor. O texto original desta foi retirado do livro de Madeleine Sylvain

Com o objetivo de captar recursos para o movimento anti-imperialista há um envolvimento feminino significativo em todo o país. Algumas mulheres membros da União Patriótica organizaram a captação de recursos em Port-au-Prince. Assim, foram às ruas, bateram nas portas das casas e pediram recursos aos transeuntes e comerciantes; O dinheiro coletado estava destinado ao apoio dos delegados em missão para os Estados Unidos (SYLVAIN, 2007, p.92). Mulheres como Mlles Marie-Dugué, Anna Toussaint, Edmonde Quesel e Marie Dejoie foram membros influentes na União Patriótica (SYLVAIN, 2007, p.92). Elas coordenaram muitas atividades pela causa nacional e mobilizaram as mulheres em todo o país.

Nesse sentido, a participação da mulher haitiana não pode ser denominada feminista, integra um movimento patriótico que não leva em conta o sexo, é um movimento que quer salvar o país contra a ocupação estrangeira. Esse sentimento patriótico, ainda que estava germinando, não tinha se manifestado, só a ocupação estrangeira começou a dar uma consciência política à mulher haitiana da época.

A mulher, antes da ocupação, essencialmente esteve preocupada com questões domésticas, mas, esse comportamento foi se transformando e projetando para a luta nas ruas, nos espaços públicos, apesar da permanência das restrições culturais e sociais que pesaram sobre ela. O trânsito do espaço público provocado pela sua irrupção ao mercado de trabalho tinha já provocado algumas mudanças culturais, sobretudo, na mentalidade das mulheres (MANIGAT, 2007, p.274). Essa situação foi sendo percebida muito mais nas grandes cidades do que naquelas áreas rurais remotas dos centros urbanos. Conseqüentemente, a maioria dessas primeiras feministas formou parte da população urbana (SYLVAIN, 2007, p.92).

Contudo, o espaço público<sup>2</sup>, tal qual se nomeia aqui, vai além do local de trabalho das mulheres. Esse espaço é, portanto, um espaço de confronto, de reivindicação e questionamento do sistema nos lugares públicos e também nos jornais. Subseqüentemente, no fim da ocupação a situação vai mudar, as mulheres vão encaminhar sua participação política e a luta pelos direitos do gênero feminino através de uma associação que será chamada de Liga Feminina da Ação Social (LFSA).

No que concerne aos procedimentos metodológicos para realizar esse estudo utilizamos dois tipos de fontes: os jornais desse período, *La voix des femmes*, *Le Moniteur*, *Le matin*, *Haiti Journal* e *Ayiti Fanm*, e as memórias de alguns protagonistas como Dantes Bellegarde e a Sra. Madeleine Sylvain-Buchereau. Além disso, usamos uma ampla bibliografia em apoio a essas fontes.

---

Boucherau, *Haïti et ses femmes Une étude d'évolution culturelle*, p. 81. Aqui está o texto original :

Dès l'ouverture de l'Union Patriotique, organisée par Georges Sylvain pour lutter contre l'Occupation d'Haïti, (le 28 juillet 1915) par les forces Militaires des Etats-Unis d'Amérique, les femmes haïtiennes participèrent à la lutte nationale en quêtant dans les maisons, les marchés et les lieux publics pour réunir des fonds pour le soutien de la campagne et l'envoi des délégués aux Etats-Unis d'Amérique pour plaider la cause haïtienne.

2 Usado primeiramente por Kant, o conceito foi definido mais precisamente por Hannah Arendt, particularmente em *The Condition of Modern Man* (1958) e *The Crisis of Culture* (1961). E, depois pelo Jürgen Habermas no livro intitulado *L'espace public : archéologie de lapublicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise* (1962).

## O FIM DA OCUPAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO POLÍTICO DA MULHER HAITIANA

Na França, no início do século XX, foram as mulheres religiosas que lideraram as lutas patrióticas (SUDDA, 2007, p.33). O Haiti parece apresentar o mesmo caso: as intelectuais haitianas eram leitoras dos jornais da França e conheceram as lideranças feministas europeias em geral. As mulheres começaram a deixar sua marca no cenário político como revela seu envolvimento durante a presença da Comissão Forbes<sup>3</sup> em 28 de fevereiro de 1930, em Porto Príncipe, no período final da ocupação<sup>4</sup>. A participação feminina durante essa atividade política teve um duplo aspecto, político e religioso.

A Comissão chegou na véspera do Carnaval, o domingo, no entanto, esse primeiro dia do carnaval foi transformado em um dia de luta contra a ocupação (BELLEGARDE, 2007, p.154). Um evento religioso foi planejado pelas mulheres. Porém, os ‘marines’ (fuzileiros navais dos Estados Unidos da América), por intermédio de derrapagens, proibiu a manifestação. Mas, o pedido das mulheres, que compareceram em bloco perante os membros da Comissão, influenciou para que fosse autorizada a manifestação (BELLEGARDE, 2007, p.157). Esse evento contou com a participação de mulheres de todas as camadas e condições sociais (BELLEGARDE, 2007, P. 156). Dantes Bellegarde em seu livro intitulado *La Résistance haïtienne* (1937) fala do evento:

Este evento religioso, no qual as mulheres de todas as classes sociais se misturaram, havia agitado profundamente os membros da comissão. Um incidente durante o desfile deu-lhe um caráter quase simbólico: em frente ao Excelsior Hotel, onde a Comissão estava sentada, a multidão parou para cantar seus hinos; uma velha caminhou até William Allen White, que estava de pé na porta da frente e entregou-lhe a pequena bandeira vermelha e azul que segurava na mão. O filantropo de Emporia teve neste momento um gesto tocante: ele beijou o emblema que, para os haitianos, representa a liberdade de seu povo e a independência de sua terra natal<sup>5</sup>.

Segundo uma parte da imprensa, havia 10.000 mulheres nas ruas de Porto Príncipe, capital do Haiti. Para o jornal *Haiti Journal*, elas eram 15.000 (MANIGAT, 2007, p. 278). De fato, foi a primeira vez que as mulheres adotaram uma iniciativa política independente<sup>6</sup>.

---

3 Ele foi nomeado pelo presidente Herbert Hoover em 1930 para investigar sobre as razões das rebeliões no Haiti e para informar se os Estados Unidos deveriam se retirar do país.

4 A ocupação militar dos Estados Unidos no Haiti foi iniciada em julho de 1915 e terminou no mês de agosto de 1934.

5 Nós fizemos esta tradução. A citação original foi tirada do livro de Mirlande Manigat, *op cit*, p. 278. Aqui esta a tradução desta citação : Cette manifestation religieuse, où s'étaient confondues des femmes de toutes les classes et de toutes les conditions, avait profondément remué les membres de la commission. Un incident, survenu au cours du défilé, lui donna un caractère presque symbolique : devant l'hôtel Excelsior où siégeait la Commission, la foule s'arrêta pour chanter ses cantiques ; une vieille femme s'avance alors vers William Allen White qui se tenait à la porte d'entrée et lui tendit le petit drapeau rouge et bleu qu'elle tenait à la main. Le philanthrope d'Emporia eut à ce moment un geste touchant : il baisa l'emblème qui, pour les Haïtiens, représente la liberté de leur peuple et l'indépendance de leur patrie.

6 Desta vez, não são os homens que mobilizam as mulheres. São as próprias mulheres que se mobilizaram para defender a causa da pátria.

Portanto, esse evento foi o ponto de partida para a maturidade das mulheres, ainda que, muito antes, estiveram engajadas em outras lutas sociais e políticas. O diário *Le Nouvelliste* reconta os fatos de outra maneira<sup>7</sup>. Aqui está um trecho.

A multidão enorme e áspera encheu a rua em frente ao Excelsior Hotel. A polícia é bastante suave. É sem entusiasmo que ela tenta forjar uma passagem para a demonstração. Uma moça que educadamente se dirige aos espectadores aparece e a voz é liberada em voz alta. Uma cidade se move em direção a um dos membros da comissão e entrega a ele uma bandeira em luto. Este em um gesto absolutamente simpático testemunha sua emoção diante deste espetáculo.

No final da ocupação americana do Haiti em 1934, a população do país era de 2.490.000 habitantes e o 83% dela era rural, isto é, a população urbana era minoritária. As cidades concentravam um total de 510.000 habitantes. Porto Príncipe, na época, era o bastião do movimento de mulheres no Haiti, com uma população de 125.000 habitantes (BELLEGARDE, 2004, p. 12-13). Nesse caso, podemos dizer que o número de mulheres participantes na manifestação histórica da capital foi impressionante.

As cidades da província aderem-se a este movimento, mas, os documentos consultados mostram que, a maioria delas procede de Porto Príncipe, que foi o centro de mobilização das mulheres de toda a República. É desde a capital que o movimento se estendeu para as cidades da província. Mais tarde, com a Liga Feminina da Ação Social, veremos comitês em várias cidades da província do Haiti.

Ao ganhar maturidade política ao lado dos homens da União Patriótica, as mulheres começaram a lutar por seus direitos. Assim, em 22 de fevereiro de 1934, a Sra. Sylvain-Bouchereau convocou algumas das líderes sociais e outras mulheres esclarecidas da época para formar uma organização de mulheres. Os estatutos foram votados e um comitê executivo foi eleito em 3 de março de 1934, com a Sra. Pierre Hudicourt como presidente (BOUCHEREAU, 1957, p.82-83). Esta nova organização marca o início do movimento feminista no século XX no Haiti. A luta política da mulher pelos próximos vinte anos dependerá da Liga Feminina da Ação Social.

## ORIGEM E NASCIMENTO DA LIGA DAS MULHERES DE AÇÃO SOCIAL

A ocupação terminou em 1934 e desta vez as mulheres lançaram sua plataforma para lutar por seus direitos. Um dos corpos mais revolucionários da história da luta das mulheres no Haiti, a Liga Feminina da Ação Social (LFAS), nascida em 3 de março de 1934, foi a primeira organização feminista do país<sup>8</sup>. A LFAS teve sua origem durante o período de fim de ocupação militar de Estados Unidos. Em 1926, a Liga Internacional das Mulheres pela

<sup>7</sup> O jornal *Le Nouvelliste* citado por Mirlande Manigat no livro *Etre femme en Haïti hier et aujourd'hui*, p. 278.

<sup>8</sup> Le vent du féministe, [www.haiticulture.ch](http://www.haiticulture.ch). Acessado domingo, 21 de junho de 2015.

Paz e Liberdade abriu um inquérito no Haiti para descobrir as consequências da ocupação militar. Essa importante organização internacional de mulheres foi presidida por Eugenie Malbranche-Sylvain e Pierre Hudicourt, grande jurista e um dos poucos homens aliados às feministas da época.

O nome “Liga” para organizações de mulheres foi difundido, no início do século XX, ao mesmo tempo, na França como no Canadá. Diferentes organizações de direitos das mulheres se fizeram denominar “Liga”. Como a maior parte dessas mulheres haitianas haviam estudado no exterior estavam muito bem informadas sobre o que acontecia em todo o mundo na luta pelos direitos das mulheres. Isso explica que a estrutura feminista mantivesse o nome de “Liga” e não o de “Associação”<sup>9</sup>. Essa primeira grande associação feminista teve como membros muitas mulheres da burguesia e algumas outras procedentes das mais reconhecidas famílias intelectuais e aristocráticas do país, especialmente de Porto Príncipe (NERESTANT, 1957, p. 56). Desde então, a verdadeira luta estruturada da mulher haitiana tem que passar pela LFAS.

Os principais objetivos da Liga Feminina da Ação Social foram os seguintes:

- 1- Contribuir para o aprimoramento físico, intelectual e moral da mulher haitiana para conscientizá-la de seus deveres sociais.
- 2- Resolver os problemas relativos à proteção da criança.
- 3- Reconhecer a igualdade civil e política da mulher haitiana.

A fundação da LFAS ocorreu o dia 10 de maio de 1934, porém pouco tempo depois foi proibida por causa de suas ideais inovadoras, apenas dois meses pode estar atuante. O presidente da época, Elie Lescot<sup>10</sup>, era contra a satisfação das demandas das mulheres que queriam a tudo custo que as autoridades estatais aumentassem o número de escolas para meninas, estabelecessem a igualdade na família e a libertação econômica da mulher casada (BOUCHEREAU, 1957, p. 83).

Por que fracassou tão rápido esse movimento das mulheres? Qual é a base dessa rápida dissolução? Não podemos entrar em muitos detalhes por falta de documentos sobre a situação. Segundo a Sra. Sylvain Bouchereau, a dissolução deveu-se à heterogeneidade dos membros, assim como, a falta de experiência. Por um lado, uma maioria tímida e conservadora preferiu abandonar o movimento, assustada com a oposição do poder estabelecido e com as

<sup>9</sup> No Canadá, ao mesmo tempo, especialmente em Quebec, existia uma organização de mulheres chamada Liga dos Direitos da Mulher. Guy Rocher, *Les modèles et le statut de la femme canadienne-française*, p. 8. Também na França, desde 1901, existia a Liga Patriótica dos Franceses e a Liga das Mulheres Francesas, Magali Della Sudda, *Une activité politique féminine conservatrice avant le droit de suffrage en France et en Italie*, p. 10.

<sup>10</sup> Elie Lescot, em 1944 fez uma revisão constitucional. Nesta nova constituição a mulher haitiana pode ocupar as funções de deputado, senador e ministro, mas ela não pode votar. Ou seja, uma mulher pode ser candidata, mas ela não pode votar na eleição. Ela deve esperar só o resultado. Mas em janeiro de 1946 a população haitiana terminou seu regime graças uma revolução chamada (cinco) 5 Glorieuses (5 Gloriosos em português). Ou seja, os cinco de mobilização popular que acabam o regime de Elie Lescot.

inesperadas perseguições das novas idéias, bem longe das tradições seculares sobre o papel da mulher, por outro, uma minoria entusiasmada e decidida a continuar a luta pela libertação das mulheres, porém, foi incapaz de formular um programa que obtivesse o apoio de todos (BOUCHEREAU, 1957, p. 83).

A ideia de uma reforma já estava lá no primeiro dia da dissolução. Desta vez, a LFAS foi obrigada abandonar sua missão de melhoria física, econômica e social da mulher haitiana. De repente, teve que eliminar o conteúdo político de seu programa, considerado muito extremista pelas autoridades no poder. Um novo comitê foi formado com a Sra. Sylvain Presidente, Alice Garoute Vice-Presidente, Fernande Bellegarde Secretária Geral, Olga Gordon Secretária Adjunta, Thérèse Hudicourt, Tesoureira, Marie Corvington, Tesoureira Adjunta, Alice Teligny Mathon, Esther Dartigue, Mau Turian e Georgette Justin, assessoras. Com um novo plano, o governo deu autorização à Liga para operar. Em 3 de junho de 1934, a organização renasce e abre com uma reunião inaugural (BOUCHEREAU, 1957, p. 83-84). Então começa a propaganda para o recrutamento de novas pessoas.

## **O ESTABELECIMENTO DE UM ÓRGÃO DE DIFUSÃO DE IDEIAS E PROPAGANDA: *LA VOIX DES FEMMES***

Em 1935, a Liga montou um jornal para a divulgação de suas ideias. O jornal tinha como nome *La voix des femmes*. Em um país onde o número de pessoas alfabetizadas é muito insignificante, e especialmente entre as mulheres, a circulação de um jornal era necessária? Considerando-se a situação técnica e dado o tempo, o primeiro grande canal de disseminação de ideias permanece e continua sendo o dos jornais. Naquela época, a transmissão pela rádio ainda era inexistente no país. Não foi até o final dos anos 1930 que a rádio apareceu no Haiti, mas, nos inícios foi muito fraca<sup>11</sup>.

A Sra. Perez foi a primeira editora-chefe da *La Voix des Femmes*, a Sra. Cléante Desgraves Valcin foi gerente e a Sra. Amélie Laroche, secretária. A Sra. Perez dirigiu a publicação de outubro de 1935 até 1938, quando fundou o próprio jornal, *La Semeuse* (BOUCHEREAU, 1957, p. 84). *La Voix des Femmes* é um jornal de propaganda e divulgação de informações sobre a mulher. Em 1937, o jornal obteve uma medalha de prata na exposição de Paris por causa do impacto social de sua ação. Em 1942, suspendeu sua publicação por causa da guerra. Anteriormente era de circulação mensal e contribuiu para a popularização do pensamento feminista no Haiti. Em um texto de Lydia Jeanty em *La voix des femmes*, datado de 8 de março de 1947, comentava-se:

*La voix des femmes* (A voz das mulheres) tem feito grandes esforços para reaparecer e continuará a fazer, para se manter, primeiro porque pensa que precisa de um órgão

11 Gotson Pierre, « Haïti- Medias : Que serait la société haïtienne sans la radio ? », in *Alter Presse*, mercredi 13 février 2013.

feminino, impulsionado pelas energias femininas para defender a causa da mulher haitiana. . [...] Vamos agrupar, minhas irmãs, em torno desse órgão “*La voix des femmes*”. Que todas as vontades se unam, que todas as energias se fundam, que todos os desejos roubem a luta por uma mulher haitiana mais consciente, mais entusiasta e mais respeitada<sup>12</sup>.

Visto desde o lado econômico, o jornal ou a revista da Liga era um projeto sem fins lucrativos. E funcionou sem fundos para o sustento de seus funcionários de 1935 a 1942. Uma das coisas mais interessantes é que o jornal informa às mulheres haitianas sobre todo o progresso das mulheres em todo o mundo. Assim, os ganhos de mulheres de outros países serviram para mascarar a luta das mulheres haitianas por seus direitos.

Em um pequeno artigo intitulado “Para a mulher haitiana” (A la femme haïtienne), Lydia Jeanty destaca o que é exatamente o jornal *La Voix des Femmes*, enfatizando no convite a todas as mulheres para apoiar o jornal dedicado à luta pela emancipação da mulher haitiana: “*La Voix des Femmes* não é o diário de um grupo de mulheres; não é a herança de um setor feminino; é uma propriedade comum; é o corpo de defesa da mulher haitiana em sua casa e na comunidade haitiana” (*La Voix des Femmes* 05/07/1948).

O jornal *La Voix des Femmes* é o meio por excelência da popularização do pensamento feminista. É também um meio de treinamento, educação, informação e também propaganda. Muitas intelectuais, procedentes da Liga publicam nesse jornal. É nele que foram especificadas as diretrizes do movimento e divulgadas as ideias e impressões sobre a batalha que lideravam pelos direitos da mulher haitiana. Então, *La Voix des Femmes* abre a era dos primeiros discursos das mulheres haitianas sobre elas mesmas (ANGLADE, 1997, p. 25).

## A LIGA NO ESPAÇO PÚBLICO PELA DEMOCRACIA E O DIREITO DE VOTO DA MULHER HAITIANA

Durante os cinco anos de Lescot como presidente, o país passou por significativas transformações políticas e sociais (SMITH, 2009, p.39). Durante esse período nascem grupos urbanos populares muito radicais. No movimento que pôs fim à ditadura de Elie Lescot, as mulheres não ficaram isentas. Elas também foram destacadas durante os vários eventos da revolução chamada “Cinco Gloriosos”.

Para aproveitar esse espaço político favorável, mulheres da elite e da pequena burguesia formaram uma frente em 8 de janeiro de 1946. Esse novo grupo ou “Comitê Democrático

12 O texto original foi tirado no jornal *La Voix des femmes*, Lydia O. Jeanty, « Groupons-nous », in *La voix des femmes*, samedi 8 mars 1947, Vol IX, No 5, p. 1, aqui está a tradução francês do texto original :

La voix des femmes a fait de grands efforts pour reparaitre et continuera à en faire, pour se maintenir, d’abord parce qu’elle pense qu’il faut un organe féminin, mû par des énergies féminines pour défendre la cause de la femme haïtienne. [...] Groupons-nous, mes sœurs, autour de cet organe « La voix des femmes ». Que toutes les volontés se coalisent, que toutes les énergies se fusionnent, que tous les désirs volent à la lutte pour une femme haïtienne plus consciente, plus enthousiaste et désormais plus respectée.

Feminino (Comité Démocratique Féminin) (MANIGAT, 2007, 283) estabeleceu como objetivo reivindicar igualdade civil e política para a mulher haitiana. Entre elas estavam a viúva do romancista Jacques Roumain<sup>13</sup>, Nicole Hibbert, Sra. Max Sam, presidente; Jacqueline Weiner Sylvera, Secretária; e Edmond Gaetjens, Catts Pressoir, Odette M. Roy, entre outros, assessores; Sra. Léonie Madiou, secretária adjunta (MOISE, 2013, t. 3, p.75). Ao mesmo tempo, alunas e estudantes começaram a se mobilizar (CASTOR, 1994, p. 135). O Liceu das Moças de Porto Príncipe foi a terceira instituição a se apresentar nas ruas da capital. Muito dedicadas, essas jovens foram apoiadas por outras do Odéide College e do Alcindor College. As estudantes foram espancadas e reprimidas pelas forças policiais.

A repressão produziu um efeito contrário ao esperado pelos governantes. Muitos setores se uniram para lutar pela democracia. Foi a luta de todos contra um tirano. Assim, como os homens, as mulheres tiveram voz para enfrentar a situação. Participaram em manifestações de rua destacando-se as mulheres na oposição ao regime. A Sra. Sylvain Bouchereau informa que algumas mulheres como Lydia e Pauline Jeanty esconderam os conspiradores em suas casas. Outras como Lili Fortuné, Jacqueline Wiener e Nicole Hibert estavam nas barricadas. Nas manifestações que levaram ao fim do regime de Lescot no início de janeiro de 1946, muitas mulheres mostraram devoção e bravura. Uma das integrantes da LFAS, Léonie, ferida e presa, foi considerada a heroína do movimento (BOUCHEREAU, 1957, p. 92).

Um artigo no Jornal do Haiti intitulado “Noite tranquila ... manhã agitada (nuit calme ... matinée agitée)” fala sobre os fatos do dia:

Noite tranquila ... manhã agitada. A noite estava calma. O sinal do toque de recolher foi seguido por gritos e “escuridão”. Apenas pequenos incidentes foram relatados em alguns bairros. Na madrugada, o grupo de mulheres e alguns grevistas estavam se apresentando no sopé de Bel-Air. A polícia interveio e atacou a multidão com cassetetes. Várias fotos. O jovem Paul Raymond foi baleado no estômago. Léonie Madiou foi brutalmente espancada e, com o rosto sangrando, foi levada para a delegacia de polícia<sup>14</sup>

A Sra. Léonie Madiou não foi a única mulher a sofrer a brutalidade policial na manifestação de 11 de janeiro de 1946, a senhorita Josephine N. Francis também. Depois, muitas pessoas em Porto Príncipe e em todo o país expressaram suas simpatias às mulheres agredidas. Na coluna do *Haiti Journal* de 18 de fevereiro de 1946, as mulheres da LFAS agradeceram-lhes pela sua solidariedade.

Após a Segunda Guerra Mundial, a luta das mulheres em todo o mundo foi

13 Jacques Roumain foi o fundador do primeiro partido comunista no Haiti em 1934, nomeado Partido Comunista Haitiano (Parti Communiste Haitien). Este partido foi dissolvido em 1936.

14 O texto original foi retirado no *Haiti Journal*, 11 janvier 1946.

Aqui estão o texto original : Nuit calme...matinée agitée. La nuit a été calme. Le signal du couvre-feu a été suivi de cris et de « ténèbres ». Seulement des incidents sans importance ont été signalés dans quelques quartiers. Ce matin à la première heure, le groupement féminin et quelques grévistes manifestaient au pied du Bel-Air. La police intervint et chargea la foule à coups de matraque. Plusieurs coups de feu. Le jeune Paul Raymond reçut une balle au ventre. Madame Léonie Madiou fut brutalement matraquée et, le visage en sang, fut conduite au bureau de police

transformada. O Haiti não é externo a essa evolução. Entre as integrantes da Liga Feminina de Ação Social, algumas vivenciaram experiências fora do país e desejavam aplicá-las no Haiti. Essas experiências lhes deram esperança de que as coisas definitivamente poderiam mudar para a mulher haitiana. É assim que uma plêiade de talentos apareceu em vários jornais da época. Um dos elementos-chave que os impulsiona desta vez foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Quando terminou a guerra, a criação da ONU mudou a face geopolítica, política e social do mundo. A luta da mulher haitiana não esteve ausente do cenário internacional recém-estabelecido.

As mulheres encontram uma oportunidade interessante para divulgar suas demandas. Desde 1946, as Nações Unidas aprovaram a Convenção sobre o Estatuto Legal e Social da Mulher, que confere à batalha das mulheres ainda mais legitimidade ao nível internacional e nacional.

As feministas haitianas viajam pelo mundo, visando garantir seus direitos civis e políticos. Todas adotam o mesmo discurso e estabelecem o mesmo objetivo. É em nome da democracia que elas saem do antigo silêncio para reivindicar seus direitos. Yvonne Hakim Rimpel, uma das ativistas desta época, é a voz das mulheres sem voz. Seu trabalho ao lado das outras mulheres foi notável. Vamos ler em um de seus escritos militantes:

As feministas haitianas viajam pelo mundo, visando garantir seus direitos civis e políticos. Todas adotam o mesmo discurso e estabelecem o mesmo objetivo. É em nome da democracia que elas saem do antigo silêncio para reivindicar seus direitos. Yvonne Hakim Rimpel, uma das ativistas desta época, é a voz das mulheres sem voz. Seu trabalho ao lado das outras mulheres foi notável. Vamos ler em um de seus escritos militantes:

Então, a mulher haitiana agora entende que seu silêncio não é mais razão. Ela se revolta contra um estado de fato que pessoas em atraso acham normal e que a reduz abaixo de sua personalidade. Ela levanta a voz no concerto de exigências para proclamar seus legítimos direitos e aspirações. Ela se divorciou com o silêncio da renúncia. Isto não é sem razão, porque é em nome da Democracia que ela gostaria de usar o direito de “fazer isso ou recusar”. A mulher não é mais um brinquedo. Seu papel é crucial na humanidade. Pertence a ela de iniciar o futuro cidadão ao princípio de defesa contra armadilhas que encontra diariamente no mundo<sup>15</sup>.

A virada do movimento feminista endereçado à luta pelas suas próprias reivindicações foi desaprovada por muitos cidadãos haitianos. As feministas começaram a ser percebidas como causadoras de problemas porque rejeitavam o que foi um prolongado tabu social. A nova etapa de luta foi mais difícil porque as mulheres feministas foram incompreendidas. Elas

---

15 O texto original foi de Hakim Rimpel, « La démocratie et la femme », in *La voix des femmes*, sábado 8 de março de 1947, Vol IX, No 5, p. 2. Aqui está o texto original no francês :Aussi la femme haïtienne comprend-elle maintenant que son mutisme n'est plus de raison. Elle se révolte contre un état de fait que certains arriérés trouvent normal et qui la ravale au dessus de sa personnalité. Elle élève sa voix dans le concert des revendications pour clamer bien haut ses droits et aspirations légitimes. Elle a divorcé avec le silence de la résignation. Ce n'est pas sans raison, car c'est au nom de la Démocratie qu'elle voudrait user du droit de « faire ceci ou de refuser cela ». La femme n'est plus un jouet. Son rôle est capital dans l'humanité. C'est à elle qu'il appartient d'initier le futur citoyen au principe de la défense contre les multiples pièges que journallement il rencontre dans le monde.

também tentam a todo custo mostrar o lado positivo de suas reivindicações para aprimorar sua imagem pública. Em um artigo de *La Voix des Femmes*, a Sra. Sylvain-Bouchereau argumentava:

Hoje queremos discutir com você uma questão que nos interessa a todos: os direitos das mulheres. Alega-se que as feministas são loucas, intrigantes. Se eles estão desocupados, por que não se curvar sobre as misérias do povo? Por que eles não ficam em casa<sup>16</sup>.

Esta declaração é do ano de 1947. Posteriormente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948 deu certos direitos às mulheres. Essas disposições complementam a Declaração Americana de Direitos Humanos que, assinada em Bogotá em 2 de maio de 1948 (BELLEGARDE, 2004, p. 336), fazia das mulheres cidadãs que poderiam desfrutar de seus direitos civis e políticos. Desde então, as feministas haitianas vieram reivindicando que a constituição e as leis do país refletissem esses dois textos famosos. Os artigos 1, 2 e 3 dão às mulheres o direito de levar suas reivindicações até o fim. Nesse caso, os governos haitianos deveriam tornar essa declaração uma fonte de direito nacional, sendo o Haiti um membro signatário do pacto, porém não tem ocorrido mudança alguma. A partir de 1948 começou a luta incansável pelos direitos femininos.

As feministas haitianas conquistaram uma pequena vitória após duas décadas de luta. A Assembleia Constituinte de novembro de 1950, criada pela Junta Militar, consagrou o direito das mulheres de votar na nova Constituição. Foi a primeira vez na história do país, mas foi mais uma vitória no nível municipal. Precisava-se de uma lei que desse às mulheres o direito de votar em todos os níveis da vida política.

A Junta Militar montou uma assembleia constituinte para redigir uma nova constituição para o Haiti. Em um decreto datado de 3 de agosto de 1950, convocou as assembleias primárias para eleger o Presidente da República, os senadores e os membros da Assembleia Constituinte (BELLEGARDE, 2004, p. 328). Esta última se reuniu em Gonaives, a principal cidade do departamento Artibonite no Haiti, em 4 de novembro. Foi composta por figuras honoráveis, como Clovis Kernizan, Victor Duncan, Frederico Magny, Arquimedes Beauvoir e Dantes Bellegarde, presidente da Assembleia (*Le Matin*, 31/10/1950). A Constituição foi concluída em 26 de novembro, em um intervalo de tempo não superior a 22 dias úteis, e publicado no *Le Moniteur*, o jornal oficial da República, 28 de novembro de 1950 (BELLEGARDE, 2004, p. 328).

O bispado de Gonaives foi o assento da Constituinte. Em 4 de novembro, uma grande

---

16 Madeleine Sylvain Bouchereau, « Chronique féministe », in *La voix des femmes*, samedi 22 mars 1947, Vol. IX, No 6, p. 1. Aqui está o texto francês: Nous désirons aujourd'hui discuter avec vous une question qui nous intéresse toutes : les droits de la femme. On prétend que les féministes sont de folles, des intrigantes. Si elles sont inoccupées pourquoi ne se penchent-elles pas sur les misères du peuple ? Pourquoi ne restent-elles pas chez elles?

manifestação liderada pelas mulheres percorreu as ruas de Gonaïves. As mulheres pararam em frente à sede da Assembleia Constituinte (por causa de suas ideias inovadoras (*Le Matin*, 31/10/1950). A Liga aproveitou esta oportunidade para entregar às autoridades uma petição com as assinaturas de milhares de pessoas de ambos os sexos reivindicando o direito de voto das mulheres (*AYITI FANM*, 2009, p. 18).

Dantes Bellegarde, embora presidente da Assembleia Constituinte, não poderia, sozinho, impor seu ponto de vista aos outros membros da Assembleia Constituinte que se opunham à participação política formal da mulher haitiana. Defensor ferrenho do direito de votar das mulheres, ele estava determinado a renunciar ao cargo de presidente da Assembleia Constituinte se as mulheres não conseguissem uma decisão justa (MANIGAT, 2007, p.262). Mas, graças às pressões e petições de vários dos frentes da República do Haiti e outras petições vindas do exterior, especialmente de países como Austrália, Nova Zelândia, França, Estados Unidos da América e Inglaterra, com assinaturas de personalidades (MOISE, 2013, p.123) eminentes, a Assembleia concedeu o direito de voto à mulher haitiana após debates difíceis. Em seu livro, *História do povo haitiano* (*Histoire du peuple haïtien*), Dantes Bellegarde escreve :

A característica mais marcante da nova constituição é a ampliação do eleitorado pelo direito de voto concedido à mulher haitiana. Essa reforma foi uma obrigação resultante de nossos compromissos internacionais e como um ato de justiça para nossa população feminina que, nos vários ramos da atividade nacional, faz uma contribuição tão valiosa para o progresso moral e desenvolvimento econômico do país<sup>17</sup>

A Constituinte tomou muita precaução quanto ao acordo de voto para as mulheres haitianas. É verdade que as mulheres da elite sabiam o que significa “votar”, mas em 1950 a vasta maioria das mulheres haitianas não sabia ler nem escrever. Isso representou um problema na concessão total e completa do direito de voto a todas as mulheres. O Haiti não foi o único país que concedeu parcialmente o direito de voto às mulheres<sup>18</sup>. Bellegarde comentou:

Ao estabelecer definitivamente o princípio dos direitos políticos iguais de homens e mulheres, o Corpo Constituinte considerou prudente proceder em etapas e que o exercício desses direitos pelas mulheres deveria ser temporariamente limitado para o eleitorado municipal. Tal limitação, inspirada em considerações locais, não compromete o princípio em si, reconhecido na Carta das Nações Unidas, na Declaração Americana dos Direitos Humanos, assinada em Bogotá em 2 de maio de 1948 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em Paris em 10 de dezembro de 1948. Uma vez que o prazo prescrito pela Constituição expirar, o

17 O texto foi copiado no livro de Dantès Bellegarde, *Histoire du peuple haïtien 1492 – 1952*, p. 336. Aqui esta a citação no texto original em francês

Le trait le plus distinctif de la nouvelle constitution est l’agrandissement du corps électoral par le droit de vote accordé à la femme haïtienne. Cette réforme s’imposait comme une obligation par suite de nos engagements internationaux et comme un acte de justice à l’égard de notre population féminine qui, dans les différentes branches de l’activité nationale, apporte une contribution si précieuse au progrès moral et au développement économique du pays.

18 Em 1920, a Bélgica e a Turquia em 1930 concederam às mulheres o direito de votar nas eleições municipais. Em 1940, no Canadá, as mulheres da província de Quebec podem votar, mas não em nível federal. Os Quebeckers arrebatarem esta vitória após longa luta liderada pela feminista Thérèse Casgrain. Em 1946, a Espanha garantiu o direito de votar apenas mulheres casadas.

principal haitiano terá o pleno exercício de seus direitos de voto<sup>19</sup>.

A Constituição de 1950 em seu artigo 4º. concederá à mulher haitiana o direito de votar, mas foi assinalado com alguma limitação:

Art 4º. Todo haitiano, independentemente do sexo, com 21 anos, exerce os direitos políticos, se ele se encontrar com as outras condições políticas, se ele satisfizer as outras condições determinadas pela constituição e pela lei.

No entanto, o direito de voto para a mulher será transitório, apenas para o eleitorado e elegibilidade para funções municipais.

A lei assegurará o pleno exercício de todos os direitos políticos à mulher dentro de um prazo que não poderá exceder três anos após as próximas eleições municipais gerais.

Após este período cumprido, nenhum obstáculo pode impedir o exercício desses direitos. A aptidão da mulher para todas as funções civis da Administração Pública é reconhecida.

Não obstante, a lei regula as condições a que a mulher estará sujeita transitoriamente na relação familiar e conjugal, mantendo-se aberta a todas as reformas consideradas úteis para alcançar um regime de absoluta igualdade entre os sexos<sup>20</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das mulheres no espaço público evoluiu ao longo do século XX, segundo o contexto histórico nacional e internacional. Se num primeiro momento, marcado pela ocupação do país pelas tropas dos Estados Unidos, a ênfase principal da luta das mulheres estava na recuperação da soberania nacional, mas sem abandonar suas demandas específicas femininas, nos anos seguintes, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, as demandas feministas passarão ao primeiro plano e o grau de mobilização e combatividade das mulheres se incrementará.

A institucionalização pela ONU dos direitos de igualdade de raça e gênero estimulou a luta das feministas de muitos países e, entre elas, as de Haiti. O reconhecimento do direito de voto na Constituição aprovada em 1950, ainda que limitado num primeiro momento, foi

---

19 O texto foi tirado no livro de Dantès Bellegarde, *Histoire du peuple haitien 1492 – 1952*, p. 336. Aqui esta o texto original em francês :

Tout en posant définitivement le principe de l'égalité des droits politiques de l'homme et de la femme, la constituante a estimé qu'il était prudent de procéder par étape et que l'exercice de ces droits par la femme devait être temporairement limité à l'électorat municipal. Une telle limitation, inspirée par des considérations d'ordre local, ne porte aucune atteinte au principe lui-même, reconnu dans la Charte des Nations Unies, dans la Déclaration Américaine des Droits de l'Homme signée à Bogota le 2 mai 1948 et dans la Déclaration Universelles des Droits Humains proclamée à Paris le 10 décembre 1948. Une fois échu le délai prescrit par la Constitution, l'Haïtienne majeure aura le plein exercice de ses droits de vote.

20 O texto original foi retirado da constituição do 1950. Deux siècles de constitutions haïtiennes, p. 170. Art 4 « Tout Haitien, sans distinction de sexe, âgé de 21 ans accomplis, exerce les droits politiques, s'il réunit les autres conditions politiques, s'il réunit les autres conditions déterminées par la constitution et par la loi. Néanmoins, le droit de vote pour la femme ne s'exercera, à titre transitoire, que pour l'électorat et l'éligibilité aux fonctions municipales. La loi devra assurer le plein et entier exercice de tous les droits politiques à la femme dans un délai qui ne pourra excéder trois ans après les prochaines élections municipales générales. Cette période accomplie, aucune entrave ne pourra empêcher l'exercice de ces droits. L'aptitude de la femme à toutes fonctions civiles de l'Administration Publique est reconnue. Toutefois, la loi règle les conditions auxquelles la femme sera transitoirement soumise sous le rapport familial et matrimonial, l'accès restant ouvert à toutes réformes jugées utiles pour réaliser un régime d'égalité absolue entre les sexes.

o fruto de décadas de lutas das mulheres haitianas e da grande mobilização que realizaram durante a Assembleia Constituinte. Essa luta pelo voto feminino ganhou o apoio de movimentos feministas em diferentes países do mundo.

## REFERÊNCIAS

ANGLADE, Mireille Neptune. *L'autre moitié du développement à propos du travail des femmes en Haïti*. Port-au-Prince: Editions des Alizés, 1997.

BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien 1492 – 1952*. Port-au-Prince: Fardin, Collection du Tricinquanteaire de l'indépendance d'Haïti, 1953.

BELLEGARDE, Dantès. *La Résistance Haïtienne*. Port-au-Prince: Fardin, 2004.

BOUCHEREAU, Sylvain Madeleine. *Haïti et ses femmes: Une étude d'évolution culturelle*. Port-au-Prince: Imp. Fardin, 1957.

CASTOR, Suzy. *Les femmes haïtiennes aux élections de 1990*, Port-au-Prince: Imprimeur II, 1994.

CORDELLIER, Serge. *Le dictionnaire historique et géopolitique du 20<sup>e</sup> siècle*, Paris: La Découverte, Deuxième édition augmentée, 2003.

*Deux siècles de constitutions haïtiennes 1801-1987*. Port-au-Prince: Les Editions Fardin, 2011.

GILBERT, Mirtha. *Luttés des femmes et luttés sociales en Haïti Problématique et Perspective*. Port-au-Prince: Editions Areytos, 2001.

LUCIEN, Georges Eddy, *Port-au-Prince (1915-1956. Une modernisation manquée: Centralisation et Dysfonctionnements*, Thèse de Doctorat, Université Toulouse Le Mirail, 2007.

MANIGAT, Mirlande. *Entre les normes et les réalités. Le Parlement haïtien (1806 2007)*. Port-au-Prince: Université Quisqueya, Imprimeur II, 2007.

\_\_\_\_\_. *Etre femme en Haïti hier et aujourd'hui : le regard des constitutions des lois et de la société*. Port-au-Prince: Université Quisqueya, 2002.

MOISE, Claude. *Constitution et lutte de pouvoir en Haïti De la révolution de 1946 à la dictature macoute (1946 – 1987)*, Tome 3. Port-au-Prince: Edition de l'Université d'Etat d'Haïti, 2013.

NERESTANT, Micial. *La femme haïtienne devant la loi*, Paris: KARTHALA, 1997.

SMITH, Matthew, J., *Red & Black in Haiti Radicalism, conflict, and political change, 1934 – 1957*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 2009.

SUDDA, Magali Della, *Une activité politique féminine conservatrice avant le droit de suffrage en France et en Italie*, Thèse de Doctorat, 2007, Ecole des Hautes Etude en Sciences Sociales.

SYLVAIN, Georges. *Dix années de lutte pour la liberté 1915- 1925*, Tome 1. Port-au-Prince: Fardin, Collection du Bicentenaire 1804-2004, 2007.

## JORNAIS CONSULTADOS

Le Moniteur lundi 8 mai 1950, No 55, 105e année.

Le Moniteur jeudi 3 août 1950, No 91, 105e année.

La voix des femmes, samedi 8 mars 1947, Vol IX, No 5.

La voix des femmes, samedi 22 mars 1947, Vol. IX,

La voix des femmes, samedi 5 juin 1948, vol X No. 5.

Le Matin, 9 aout 1950, No 12 876.

Le Matin, 31 octobre 1950, No 12 934.

Haïti Journal, 11 janvier 1946, No 6383.

Haïti Journal, 21 janvier 1946, No 6381.

AYITI FANM, Fevrye-Mas 2009, No 72, p 18.

NARCISSE, Jasmine Claude. *Femme Haïti*. Disponível em: [http://www.haiticulture.ch/Le\\_vent\\_du\\_feminisme.html](http://www.haiticulture.ch/Le_vent_du_feminisme.html). Acesso- 16 de março de 2019.